

## UMA COMPARAÇÃO NÃO LINEAR: O CRUZAMENTO VOCABULAR FRENTE À HIPOCORIZAÇÃO

Vitória Benfica da Silva (UFRJ)  
[vitoriabds@gmail.com](mailto:vitoriabds@gmail.com)

### RESUMO

Por mais que na língua portuguesa a maioria dos processos de formação de palavras seja concatenativa, não se pode desconsiderar aqueles de natureza oposta. Um processo concatenativo é aquele em que as palavras são caracterizadas pelo encadeamento estrito de suas partes, ou seja, um morfema começa no exato ponto em que o anterior acaba, característica clara na composição (*beija-flor*), sufixação (*felizmente*), entre outros, como afirma Gonçalves (2016). Já um processo não concatenativo, por outro lado, é aquele cujas partes não satisfazem esta linearidade, como ocorre no cruzamento vocabular (*apertamento* < *aperto* + *apartamento*), na hipocorização (*Malu* < *Maria* + *Lúcia*), entre outros. Gonçalves (2006) analisou sucintamente cinco destes processos não concatenativos de formação de palavras. Partindo deste artigo, objetiva-se aprofundar a análise de dois deles: cruzamento vocabular e hipocorização, traçando um paralelo entre os mesmos. A comparação entre eles evidencia que, diferente da descrição de alguns autores, a morfologia não concatenativa é passível de sistematização e pode ser melhor investigada por meio da interface Morfologia-Prosódia. Pretende-se ainda analisar como estes fenômenos se manifestam tendo antropônimos como base, ao focalizar a hipocorização de nomes compostos e cruzamentos formados também por antropônimos.

### Palavras-chave:

Hipocorização. Cruzamento vocabular. Morfologia não concatenativa.

### 1. Introdução

O vocabulário de uma língua não se resume ao dicionário dela. Difícil seria, inclusive, um dicionário que desse conta de todas as palavras que são pronunciadas em todo momento, afinal palavras são criadas constantemente. A língua portuguesa dispõe de diversos processos de formação de palavras que viabilizam estes neologismos e o fato de muitas delas não serem dicionarizadas não implica em sua irregularidade.

A maioria das palavras no Português é formada por processos aglutinativos, como afirma Gonçalves (2006), a exemplo da composição (*guarda-chuva*) e da afixação (*feliz-mente*), cujas palavras são caracterizadas pelo encadeamento estrito de suas partes, ou seja, um morfema começa no exato ponto em que o anterior acaba.

Em contrapartida, há outros processos, chamados não concatenativos, em que essa linearidade não é processada. Neles, “a sucessão linear dos elementos morfológicos pode ser rompida por reduções, fusões, intercalações ou repetições, de modo que uma informação morfológica não necessariamente se inicia no ponto que outra termina”, (Gonçalves, 2016, p.68). Enquadram-se nesta definição casos de cruzamento vocabular (*aborrescente*), hipocorização (*Cadu*), siglagem (*FUNAI*), entre outros.

A pesquisa de Gonçalves (2006) focalizou cinco destes processos não concatenativos e mostrou que, mesmo não formando palavras por meio do encadeamento estrito de morfemas, estes processos não são “mal comportados”, mas são assim entendidos por não serem tratados adequadamente pela Morfologia pura. De acordo com o autor, a análise mais compatível com estes processos é baseada na interface Morfologia-Prosódia.

Esta discussão sobre a (ir)regularidade dos processos morfológicos do Português não é o foco deste trabalho, mas é o pontapé inicial para chegar ao objetivo dele, que é descrever brevemente dois processos não concatenativos, o cruzamento vocabular e a hipocorização, e tecer uma comparação entre eles. A princípio pode parecer um paralelo implausível, mas pretende-se focalizar principalmente os cruzamentos formados por, pelo menos, um antropônimo.

No primeiro tópico deste artigo, será apresentado um breve panorama acerca do cruzamento vocabular; esta etapa será uma abordagem geral, não só dos dados que envolvem antropônimos. O tópico a seguir dedica-se a focalizar o conceito e os padrões da hipocorização. No terceiro ponto, será traçada a comparação entre ambos os processos. E, por fim, serão apresentadas as conclusões e considerações finais a que se chegaram.

## 2. *Cruzamento vocabular: definição e tipologia*

O cruzamento vocabular (CV) trata-se de um processo em que novas palavras são formadas por meio de outras, ou seja, “mesclas lexicais são formas criadas pela junção de duas palavras já existentes na língua”, como afirma Gonçalves (2006, p.224). São exemplos deste processo palavras como *mautorista* (<mau + motorista) *echocotone* (<chocolate + panetone).

Em concordância com esta definição, é possível afirmar que uma mescla ocorre “quando duas palavras, pertencentes ou não a mesma classe gramatical, se fundem num todo fonético, com um único acento, à semelhança de um composto formado por aglutinação, mas sem perder, contudo, os traços semânticos das formas de base que lhes deram origem” (ANDRADE, 2008, p.17).

Deste modo, o cruzamento vocabular é um processo que forma novas palavras usando como base outras palavras que já existem previamente na língua; estas palavras-fonte podem ou não ser da mesma classe gramatical, como em *forrogode* (<forró + pagode) que combina dois substantivos e *caligrafeia* (<caligrafia + feia) que junta um substantivo com um adjetivo.

Embora faça uso de duas palavras na sua formação, o produto originada pelo cruzamento vocabular é uma palavra única e, por isto, apresenta um único acento. Por exemplo, na mescla *analfaburro* (<analfabeto + burro) o acento da primeira base é suprimido em detrimento ao da segunda base. A palavra-fonte *analfabeto*, considerada paroxítona, perde seu acento na fusão entre as bases, favorecendo assim a permanência do acento primário da segunda base, *burro*.

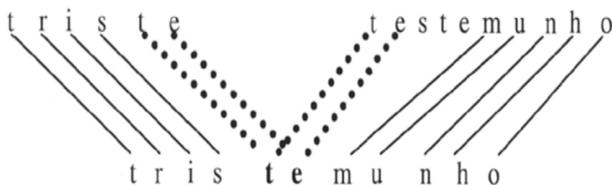
Com relação ao aspecto semântico das palavras cruzadas, observa-se a “fusão de duas palavras, que, ao mesmo tempo, reproduz e cria significados”, como afirma Andrade (2009, p. 193). Por mais que uma nova palavra seja formada, o produto cruzado continua fazendo referência ao significado das bases e, assim, os traços semânticos das bases são preservados, a exemplo do que ocorre na mescla *chafê* ‘um café tão fraco que parece um chá’, ou seja, o CV possui um novo significado, mas ainda assim faz referência aos significados de suas bases.

Quanto à classificação do cruzamento vocabular, há uma tipologia tripartida. O primeiro tipo, que origina formações por *interposição* ou *entranhamento lexical*, é aquele em que há semelhança fônica entre as palavras base. No segundo tipo, *combinação truncada*, esta semelhança não se realiza. Por fim, o terceiro tipo, conhecido como *substituição lexical*, é um padrão em que uma parte do *input* é promovida a condição de palavra e, em seguida, é substituída.

As formações por interposição ou entranhamento lexical são aquelas cujas bases apresentam semelhança fônica entre si, como ocorre em *tristemunho* (<triste + testemunho). Este tipo é descrito como a

(...) interposição de duas bases que compartilham material fonológico, sejam sílabas, rimas ou até mesmo porções fônicas sem status próprio, as quais se fundem de tal modo a que estabelecem, no nível da forma cruzada, relações de correspondência de um-para-muitos entre os constituintes das formas de base e da forma resultante. (ANDRADE, 2009, p. 194)

Em *tristemunho* (<triste + testemunho)<sup>1</sup>, por exemplo, o material fonológico compartilhado entre as bases é a sílaba /te/. Mesmo sem ter status próprio, ou seja, sem possuir valor gramatical algum, é por meio desta sílaba que as bases se fundem em uma só palavra, gerando uma correspondência de um-para-muitos na medida que um segmento de uma palavra passa a se relacionar com outra palavra, como mostra o esquema a seguir, retirado de Gonçalves (2006, p.234).



As linhas contínuas representam associação simples, e as pontilhadas, correspondência múltipla. Sendo assim, os únicos segmentos que fazem a associação múltipla, neste caso, é a sílaba /te/; e, por meio dela, as bases se fundem e o cruzamento é formado. Outros exemplos deste caso são *abacaxaranja* (<abacaxi + laranja), *sacolé* (<saco + picolé) e *sofressor* (<sofredor + professor), que apresentam, respectivamente, um, dois e cinco segmentos em comum entre as bases.

Diferente deste primeiro tipo, os cruzamentos formados por *combinação truncada* não envolvem compartilhamento de material fonológico entre suas bases, como demonstram os exemplos *selemengo* (<seleção + flamengo) e *portunhol* (<português + espanhol), em que as bases não apresentam segmentos em comum, diferenciando-se assim da interposição lexical.

As palavras formadas por combinação truncada podem apresentar bases de tamanho iguais ou diferentes, “se as formas de base são do

<sup>123</sup> Os segmentos, em negrito e sublinhados, neste trabalho, são os considerados ambimorfêmicos. A ambimorfemia, é o “compartilhamento de unidade fonológicas (sons, sílabas, sequências) comuns a mais de um morfema em decorrência da interposição das palavras matrizes” (GONÇALVES, 2006).

mesmo tamanho, ocorre fragmentação em ambas: *chocotone* (< chocolate + panetone); caso contrário, a maior sofre truncamento e a menor, sem perder massa fônica, se concatena inteiramente a maior: *forrogode* (< forró + pagode)” (ANDRADE, 2008, p. 14).

Deste modo, quando as duas bases do CV são de tamanho iguais, as duas sofrem fragmentação, como ocorre em *chocotone* (<chocolate + panetone) e *brasiguaio* (<brasileiro + paraguaio). No primeiro exemplo, a palavra-base *chocolate* perde as duas sílabas finais; e na segunda, *panetone*, são apagadas as duas sílabas iniciais. Em *brasiguaio*, as sílabas finais da primeira base também são omitidas enquanto as finais de *paraguaio* são preservadas, sendo suprimidas então as iniciais da mesma.

Já no caso em que as bases são metricamente diferentes, a maior sofre fragmentação enquanto a menor é conservada intacta, ou seja, não perde massa fônica, e assim ambas se interligam. Este caso pode ser exemplificado por *forrogode* (<forró + pagode) e *pescotapa* (<pescoço + tapa). No primeiro exemplo, a menor base, *forró*, apresenta duas sílabas, enquanto a segunda possui três, sendo assim, a primeira base é preservada e a segunda, *pagode*, sofre omissão de sua primeira sílaba. Caso semelhante ocorre em *pescotapa*, em que o tamanho da segunda base, *tapa*, é conservado por ser menor, e a maior sofre apagamento da sílaba final.

O terceiro tipo possível de formação do cruzamento vocabular é o único que não se baseia na (des)semelhança fonológica entre as bases. Denominado *substituição sublexical* (SSL), neste tipo uma sequência de segmentos de uma determinada palavra é reinterpretada e promovida ao status de morfema e, logo em seguida, é substituída.

Sobre este processo, Almeida, Andrade & Gonçalves (2010) exemplificam:

Em ‘macumba’, input de ‘boacumba’, caso claro de SSL, a sequência ‘ma’ – que não apresenta qualquer status morfológico – é idêntica ao adjetivo ‘má’. A palavra invasora (‘boa’) é projetada a partir dessa porção não-significativa em ‘macumba’, levando consigo suas estruturas métrica e silábica. ‘Boa’ promove a sílaba ‘ma’ à condição de palavra, substituindo-a sublexicalmente. (ANDRADE; GONÇALVES, 2010, p. 3)

Como *boacumba*, há outras formações características da substituição sublexical, como *boadrinha* (<boa + madrinha), *frátria* (<fraterno + pátria), entre outros. Estes exemplos são assim classificados por terem uma parte que foi reinterpretada e promovida ao nível de palavra, depois foi substituída. O exemplo de *madrinha* é bem próximo ao de *macumba*,

uma vez que em ambos os casos a sequência *ma-* foi analisada como o adjetivo *má* e trocada por *boa*. Em *pátria*, a sequência inicial, *pat-*, foi associada a noção de paternidade (pai) e, por analogia, foi substituída pela ideia de fraterno (irmão)<sup>2</sup>.

Estas obras citadas até então são de grande importância para a descrição do cruzamento vocabular, ainda mais porque são raras as pesquisas que focalizam este objeto de estudo. Baseada nelas, o trabalho de Silva (2017) deu continuidade aos estudos a partir de um corpus diferenciado: as palavras cruzadas formadas por, pelo menos, um antropônimo. Este corpus gerou três grupos, a saber os nomes de batismo (p.ex. *Marcotônio* < Marco + Antônio), as *shippagens* (p. ex. *Brumar* < Bruna + Neymar) e nomes acrescidos de qualificador (p. ex. *Burrichello* < burro + Barrichello). A partir principalmente dos dois primeiros grupos, notou-se a semelhança do CV com a hipocorização.

### 3. Hipocorização: conceito e padrões

Segundo Gonçalves (2001, p. 1), “a hipocorização é o processo pelo qual nomes próprios são abreviados afetivamente, resultando numa forma diminuta que mantém identidade com o prenome ou com o sobrenome original”, como ocorre em *Chico* originado por *Francisco*, e *Mabel* formado por *Maria Isabel*. O hipocorístico nada mais é, então, do que o encurtamento afetivo de antropônimos. Por serem de cunho afetivo, essas formações são usadas geralmente por pessoas que tenham relações de carinho umas com as outras, como amigos e familiares, em situações informais.

Este processo guarda uma relação significativa com apelidos, afinal todo hipocorístico é um apelido. No entanto, o inverso nem sempre ocorre. Os exemplos *Chico* e *Mabel* são hipocorísticos, logo são apelidos; já exemplos como *Gigante* e *Palito* são apelidos, mas não hipocorísticos. Claramente motivados pelos traços de uma pessoa alta e de uma pessoa magra, respectivamente, estes apelidos guardam relação com características físicas de alguém, mas não podem ser considerados hipocorísticos por não guardarem relação de correspondência com o prenome da base, como explica Gonçalves (2006, p. 223). Deste modo, *Gigante* pode ser o apelido de alguém chamado *André*, mas não pode ser conside-

---

<sup>124</sup> Análise retirada de Almeida, Andrade & Gonçalves (2010).

rado seu hipocorístico; já *Dedé* é tanto o apelido quanto o hipocorístico deste prenome, uma vez que apresenta correspondências com ele.

Existem cinco padrões possíveis de hipocorização, exemplificados por Lima (2008, p.19) no quadro a seguir.

Sistema 1	Sistema 2	Sistema 3	Sistema 4	Sistema 5
Francisco > Chico <sup>1</sup>	Eduardo > Edú	André > Dedé	Carlos > Cacá	Carlos Eduardo > Cadú
Gertrudes > Túde	Rafael > Ráfa	Barnabé > Bebê	Leandro > Lelê	Maria Luíza > Malú
Isabel > Bél	Patrícia > Páti	Mateus > Tetê	Fátima > Fafá	Maria Isabel > Mabêl
Leopoldo > Pöldo	Nátalia > Náti	Artur > Turú	Eduardo > Dudú	Carlos André > Cadê
Miguel > Guél	Cristina > Crís	Marli > Lili	Viviane > Vivi	Luiz Carlos > Lúca

O primeiro padrão é o chamado *default*. Considerado o mais produtivo dos cinco, ele mapeia apenas a borda direita dos nomes. De *Francisco*, por exemplo, apenas as duas sílabas da direita são aproveitadas, /cis.co/, e depois passam por uma série de alterações justificadas pela circunscrição prosódica<sup>3</sup> até se chegar a *Chico*. O mesmo processo se dá em *Isabel*, cuja única sílaba aproveitada no hipocorístico é a da extrema direita, /bel/, que, neste caso, manteve-se intacta.

O sistema dois, por sua vez, segue a lógica contrária na medida que mapeia apenas a margem esquerda da palavra. Do nome *Eduardo*, foram aproveitadas apenas as sílabas iniciais, ou seja, da esquerda, e assim chegou-se a *Edu*; como também ocorre de *Patrícia* para *Pati*, mas, neste caso, houve uma alteração de ordem fonológica também justificada pela circunscrição prosódica.

O padrão três se assemelha ao primeiro por aproveitar as bordas direitas das bases bem como o quatro se parece com o segundo por focalizar as bordas esquerdas, mas o que os separa é o processo de reduplicação presente nos sistemas três e quatro. O terceiro padrão é exemplificado por *Dedé* (<André) e *Bebê* (<Barnabé), ambos captam apenas a sílaba da extrema direita, /dré/ e /bé/, e, depois de passar pelos filtros da circunscrição prosódica, a reduplicam. O sistema quatro ocorre em *Lelê* (<Leandro) e em *Vivi* (<Viviane), reduplicando a sílaba esquerda de cada nome.

<sup>125</sup> Para saber mais sobre a circunscrição prosódica, cf. Lima (2008).

O quinto padrão, por seu turno, apresenta nomes compostos como base. Neste sistema, não ocorre reduplicação, mas sim junção de partes dos nomes que compõe a base. São exemplos deste padrão *Malú* (<Maria Luiza) e *Cadé* (<Carlos André). No primeiro, são aproveitadas a primeira sílaba de ambos os nomes da base, que se combinam formando o hipocorístico; e, no segundo, a junção ocorre entre a primeira sílaba de *Carlos* e a última de *André*, que, depois da ação dos filtros da circunscrição prosódica, se combinam dando origem a *Cadé*.

#### 4. O cruzamento vocabular frente à hipocorização

Provavelmente por não haverem pesquisas anteriores que focalizem o cruzamento vocabular formado por antropônimos, não foram encontrados trabalhos que comparem o CV ao hipocorístico. Logo, traçou-se aqui o paralelo entre os processos levando em consideração os conhecimentos sobre cruzamento vocabular e hipocorístico já apresentados e suas características, principalmente apresentadas por Gonçalves (2006, 2016), Andrade (2008, 2009) e Lima (2008).

Dentre os cinco apresentados, o padrão de hipocorístico que mais claramente se assemelha ao cruzamento vocabular é o quintopois ambos os processos envolvem duas bases. Com exceção deste, os outros quatro padrões de hipocorístico apresentam apenas uma palavra-base – cf. *Isabel*>*Bel*, *Patrícia*>*Pati*, *Marli*>*Lili*, e *Fátima*>*Fafá*.

O padrão cinco, nas palavras de Lima (2008, p. 19), equivale a “junção de duas bases que se combinam e se encurtam”, como em *Luis Carlos*>*Luca*. Este sistema cinco tanto se destaca entre os demais que, embora Lima (2008) vise unificar a análise de todos os padrões em estudos futuros, ele reconhece que provavelmente não seja possível reunir a análise apenas do padrão cinco, por ele trabalhar com duas bases, diferente de todos os demais.

O ato de “juntar” e “combinar” bases comprova maior identidade deste padrão de hipocorístico com o cruzamento vocabular, visto que os cruzamentos também são sempre formados por duas palavras-fonte, de modo a juntá-las e combiná-las. Ao comparar o cruzamento *Jomar* (<João + Maria) e o hipocorístico *Cadu* (< Carlos Eduardo), é nítido o grande grau de semelhança entre os processos, podendo até causar dúvida nas fronteiras entre eles.

O aspecto semântico se mostra um grande divisor de águas neste sentido, podendo esclarecer casos opacos quanto a classificação. *Jomar* trata-se de um antropônimo, pois nomeia uma pessoa, e usa como base outros dois antropônimos, *João* e *Maria*. Já *Cadu*, pelo menos inicialmente, se comporta como um apelido, um modo carinhoso de se referir a uma pessoa chamada *Carlos Eduardo*. Em outras palavras, *Jomar* cruza dois nomes para formar um terceiro, sendo que tanto as bases quanto o cruzamento possuem a mesma função: designar o nome de alguém<sup>4</sup>; já *Cadu* não tem como função atribuir nome de batismo uma pessoa, diferente da função de suas bases.

O fato de, no cruzamento vocabular formado por antropônimos, as bases poderem ser uma no feminino e outra no masculino reitera esta diferença semântica entre os processos. Inclusive, este uso é recorrente pelo evento de nomes de filhos homenagearem, ao mesmo tempo, o pai e a mãe; fato não visto nos hipocorísticos, por se tratam sempre de uma única pessoa, sendo portanto inviável uma base masculina e outra no feminino.

Somada ao aspecto semântico, está a diferença de função de ambos os processos. Do ponto de vista semântico, “hipocorísticos e antropônimos diferem unicamente quanto ao valor estilístico/contextual, funcionando, na verdade, como sinônimos” (GONÇALVES, 2006, p. 222). Esta assertiva evidencia o fato de que o significado veiculado por *André* e *Dedé* é o mesmo, ambos apresentam o mesmo referente e, por isto, são descritas como sinônimos. A diferença entre as duas formas é dada, portanto, em termos de função expressiva, uma vez que ambas apresentam diferentes papéis, sendo a segunda forma mais afetiva do que a primeira. Deste modo, conclui-se que o hipocorístico não forma novas palavras, sim sinônimos.

O cruzamento vocabular, por sua vez, apresenta comportamento diferente, uma vez que além da função expressiva, apresenta também função lexical. Ou seja, além de veicularem, em sua maioria, a expressividade do falante, os cruzamentos formam novas palavras, tanto que *Marcotônio* (<Marco + Antônio) não possui o mesmo referente que *Marco*, isoladamente, nem o mesmo que *Antônio*, mas se refere a ambos os nomes simultaneamente. O exemplo de *chafé* também guarda relação

---

<sup>126</sup> Há ocorrências em que o cruzamento vocabular é formado por antropônimos, mas sua função não é nomear alguém, como o caso da *shippageme* de antropônimo acrescido de qualificador, mas mão é o caso de *Jomar*.

com suas bases, mas se referencia não a qualquer café, mas especificamente àquele que é tão fraco que parece um chá.

O caso de *Marcotônio* não parece apontar para uma forte função expressiva, como *chafé* o faz, mas ambos os casos remetem a função lexical do cruzamento vocabular. Deste modo, segundo as palavras de Gonçalves (2006), o cruzamento forma novas palavras, pois apresenta referentes terceiros, enquanto a hipocorização não, pois forma sinônimos.

Na hipocorização, as bases são necessariamente antropônimos enquanto no cruzamento vocabular, esta relação é de possibilidade. Em outras palavras, o cruzamento vocabular não envolve antropônimos com a obrigatoriedade com que a hipocorização envolve, mesmo que a presente pesquisa focalize mesclas formadas por, pelo menos, um antropônimo. Diferente da hipocorização, o CV pode apresentar prenome em uma das bases – como em *Dilmãe* (<*Dilma* + *mãe*), nas duas bases – como *Lucireny* (<*Lucia* + *Ireny*), e pode não apresentar – como *chafé* (*chá* + *café*). Os hipocorísticos, por sua vez, são sempre relativos a uma determinada pessoa, independente do padrão de formação.

Com relação a estrutura métrica e tamanho dos hipocorísticos, mais uma diferença entre os processos é pontuada pois o “hipocorístico deve constituir palavra mínima<sup>5</sup> na língua” (Lima, 2008, p. 69). Sendo um processo de encurtamento, a hipocorização impede formações que tenham mais de duas sílabas – cf. *\*Nélope*<*Penélope*. Já o cruzamento vocabular não impõe esta limitação de tamanho, visto que são numerosas as formações que tenham três sílabas ou mais: como em *Shirlipe* (<*Shirlei* + *Felipe*) com três sílabas, *Belidolfo* (<*Beliza* + *Rodolfo*) com quatro sílabas, *Neymarquezine* (<*Neymar* + *Marquezine*) com cinco sílabas, entre outros.

Em outras palavras, a hipocorização é um processo de encurtamento e o cruzamento vocabular, não. Alguns autores discordam deste fato como Monteiro (1983), por exemplo, que considera formas no diminutivo como hipocorístico. Para ele, “o hipocorístico deve designar uma alteração do prenome ou nome próprio individual” (p. 83); ou seja, segundo ele, não necessariamente deve haver encurtamento.

Embora os processos se distanciem com relação ao tamanho máximo de suas formações, ele se aproximam ao delimitar um tamanho mí-

<sup>127</sup> Nas palavras de Gonçalves (2004 *apud* Lima: 2008, p.20), “ocorre palavra mínima todas as vezes em que a palavra fonológica ( $\omega$ ) dominar um e somente um pé ( $\Sigma$ )”.

nimo para elas, pois não são possíveis nem hipocorísticos nem cruzamentos com menos de um pé métrico. Ainda que haja casos de hipocorísticos que apresentem uma única sílaba, esta é pesada e constitui, sozinha, um único pé métrico por possuírem duas moras, como em *Bel* (<Isabel).

Pelo viés prosódico, algumas diferenças também são pontuadas. Focalizando apenas o padrão de nomes compostos dos hipocorísticos e cruzamentos vocabulares formados por antropônimos, são claras algumas distinções fonológicas. Nos hipocorísticos do tipo cinco, são vedados: (a) a posição de *onset* vazia, (b) *onsets* complexos, (c) codas que não sejam *glide*, (d) pés trocaicos<sup>6</sup>, (e) alinhamento de sílabas que não sejam a primeira com *onset* preenchido de ambas as bases, e (f) acentuação da vogal *-a* quando em posição final de palavra prosódica<sup>7</sup>.

A aplicação destas restrições nos hipocorísticos formados por nomes compostos pode ser exemplificada pelo caso de *Maju* (<Maria Júlia). Como as duas sílabas, */ma/* e */ju/*, apresentam a posição de *onset* preenchida, a restrição em (a) é satisfeita; e, por não serem *onsets* complexos, (b) também é cumprido. O hipocorístico *Maju* também se enquadra no item (c) por não possuir coda em nenhuma das sílabas. Os itens (d) e (e) também são cumpridos pelo fato de o exemplo apresentar um pé iâmbico e alinhar as sílabas */ma/* e */ju/* com seus *onsets* preenchidos. A restrição (f), por fim, também é satisfeita porque não há acentuação de *-a* em final de palavra prosódica. Observa-se assim que todos os itens foram cumpridos.

O cruzamento vocabular formado por antropônimos, no entanto, não apresenta estas limitações em suas formações visto que *Arcângela* (< Arcanjo + Ângela), por exemplo, infringe (a), (c) e (e) ao mesmo tempo. O item (a) é descumprido, pois o cruzamento apresenta a posição de *onset* desocupada logo na primeira sílaba */ar/*; já a restrição (c) é infringida duas vezes pelo fato de o nome *Arcângela* apresentar duas codas preenchidas não por glides, mas por consoantes, como é visto nas sílabas */ar/* e */can/*, nas quais há uma fricativa e uma nasal ocupando esta posição em cada sílaba, respectivamente; o item (e), por seu turno, não é satisfeito

<sup>128</sup> O pé métrico troqueu é aquele que considera o peso da sílaba, contando suas moras ( $\mu$ ). A cada duas moras, calcula-se um pé; assim sílabas pesadas formam, sozinhas, um pé. Além disto, outra característica do pé troqueu é que este possui cabeça à esquerda, apresentando o seguinte padrão silábico: (x .), como afirma Collischonn (2005 *apud* Lima: 2008, p. 20).

<sup>129</sup> A análise prosódica dos hipocorísticos de nomes compostos é descrita a rigor em Lima (2008).

porque o cruzamento não alinha as primeiras sílabas com *onset* de cada base, pois da primeira base são aproveitadas as duas primeiras sílabas, sendo que a primeira não apresenta *onset* preenchido e a segunda base é alinhada à ela em sua totalidade, não havendo perda segmental.

Além deste, outros exemplos podem comprovar que, embora os processos sejam parecidos, o padrão prosódico de formação seguido nos hipocorísticos é distinto do padrão empregado nos cruzamentos vocabulares formados por antropônimos.

Um aspecto que aproxima o cruzamento vocabular da hipocorização é a não concatenatividade. Ambos os processos morfológicos são considerados imprevisíveis por estudos mais tradicionais por não serem tratados eficientemente pela “morfologia pura”. Bem como o cruzamento vocabular, estudos como o de Gonçalves (2006) e Lima (2008) mostram que a abordagem mais eficiente para investigar os hipocorísticos é a interface Morfologia-Prosódia.

A comparação entre a hipocorização e o cruzamento vocabular reuniu então três critérios de semelhança contra seis de diferença entre os processos. Levando em conta o cruzamento vocabular formado por antropônimos, as semelhanças se ressaltam, mas mesmo assim as diferenças entre eles são significativas.

<b>HIPOCORIZAÇÃO VS. CRUZAMENTO VOCABULAR</b>			
<b>SEMELHANÇAS</b>			
	<b>CRITÉRIO</b>	<b>HIPOCORIZAÇÃO</b>	<b>CV</b>
<b>1</b>	Quantidade de bases	(Padrão 5) Forma palavras com duas bases	Forma palavras com duas bases
<b>2</b>	Estrutura métrica	Sua formação tem o tamanho mínimo de um pé métrico	Sua formação tem o tamanho mínimo de um pé métrico
<b>3</b>	(Não) linearidade	É não concatenativo	É não concatenativo
<b>DIFERENÇAS</b>			
	<b>CRITÉRIO</b>	<b>HIPOCORIZAÇÃO</b>	<b>CV</b>
<b>1</b>	Quantidade de bases	(Padrões 1ao 4) Forma palavras com apenas uma base	Forma palavras com duas bases
<b>2</b>	Semântico	Não designa nome a alguém	Pode ou não nomear alguém

3	Função	Função expressiva	Função expressiva e lexical
4	Natureza das bases	As bases só podem ser antropônimos	As bases podem ou não ser antropônimos
5	Estrutura métrica	É um processo de encurtamento	Não é um processo de encurtamento
6	Prosódico	Possui um série x de restrições	Possui um série y de restrições

### 5. Considerações finais

Mesmo formando palavras não dicionarizadas, o cruzamento vocabular e a hipocorização são processos produtivos na Língua Portuguesa e, portanto, não deveriam ser desprestigiados em detrimento aos processos aglutinativos, nos estudos morfológicos da língua. E, como mostrou Gonçalves (2006), tanto o cruzamento vocabular quanto a hipocorização recebem tratamento adequado por meio da Morfologia Prosódica.

O paralelo entre os processos não faria muito sentido se não focalizasse as palavras cruzadas formadas por antropônimos, visto que esta é a única possibilidade para as bases dos hipocorísticos. Embora o estudo da antroponímia no cruzamento vocabular ainda esteja em fase de desenvolvimento, este deu um suporte considerável para a elaboração deste paralelo.

Foram listadas três semelhanças que aproximam a hipocorização do cruzamento vocabular, a saber: (a) a quantidade de bases do padrão cinco de hipocorístico; (b) o tamanho mínimo de um pé métrico; e (c) a não linearidade de ambos os processos. Dentre os cinco padrões de hipocorístico, o que mais se assemelha ao CV é o quinto, por encurtar nomes compostos. As diferenças encontrada entre eles foram seis: (a) a quantidade de bases das palavras cruzadas frente a dos padrões 1 ao 4 de hipocorístico; (b) o aspecto semântico; (c) a função expressiva/lexical; (d) a natureza das bases; (e) a estrutura métrica e, por fim, (f) o aspecto prosódico.

Embora o cruzamento vocabular formado por, pelo menos, um antropônimo seja excessivamente parecido com a hipocorização, sobretudo a de nomes compostos, as diferenças entre eles são mais significativas do que as semelhanças, o que pode esclarecer possíveis incertezas na classificação de um determinado dado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Lucia Leitão de; ANDRADE, Katia Emmerick; GONÇALVES, Carlos Alexandre. Se a macumba é para o bem, então é *boacumba*: análise morfoprosódica e semântico-cognitiva das substituições sublexicais em português. In: *Revista Linguística – Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume 6, número 2, dezembro de 2010.

ANDRADE, K. E. Entranhamento lexical, combinação truncada e analogia: Estudo otimalista sobre padrões de Cruzamento Vocabular. In: GONÇALVES, C. A. (Org). *Otimalidade em foco: morfologia e fonologia do português*. Publit Soluções Editoriais: Rio de Janeiro, 2009.

\_\_\_\_\_. *Uma análise otimalista unificada para mesclas lexicais do Português do Brasil*. Dissertação de Mestrado (Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro). Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

GONÇALVES, C. A. *Atuais tendências em formações de palavras*. São Paulo: Contexto, 2016.

\_\_\_\_\_. Usos morfológicos: os processos marginais de formação de palavras em português. In: *Gragoatá* (UFF). Niterói, n. 21, pp. 219-241, 2. sem. 2006.

\_\_\_\_\_. Condições de minimalidade no molde da Hipocorização. In: *CONGRESSO DA ASSEL-RIO*, 11., 2001, Rio de Janeiro: PUC-Rio, p. 215-222, 2001.

LIMA, B. C. *A formação de ‘Dedé’ e ‘Malu’*: uma análise otimalista de dois padrões de hipocorização. Dissertação de Mestrado (Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro). Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

MONTEIRO, J. L. Processos de formação dos hipocorísticos. In: *Revista da Academia Cearense da Língua Portuguesa*. Fortaleza, 4:79-110, 1983.

SILVA, V. B. Antropônimos oriundos do cruzamento vocabular: análise morfológica e fonológica. In: *CADERNOS DO NEMP*, v. 1, p. 31-41, 2017.